

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 849
 GUIMARÃES, 9 de Maio de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4313
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Um Obelisco no TOURAL

Com o desenvolvimento do urbanismo, muitas cidades e blocos urbanos aperfeiçoaram e melhoraram os seus conjuntos, criando uma «ambiência» arquitectónica.

Todo o renovo duma cidade, duma praça, duma rua depende da boa harmonia construtiva, da boa arquitectura, do seu estudo feito por peritos e duma possível adaptação local e tradicional. Mais do que nunca a arquitectura está hoje em dia com todos os problemas de construção e de renovo, na arte de aformosear e definir as linhas mestras de qualquer conjunto arquitectónico.

Os grandes mestres do urbanismo Agache e Forestier,

sico? Com uma estátua como já teve? Com uma fonte como no Largo Martins Sarmento, onde está uma fonte do século XVII? Depois de um demorado estudo, pois conhecemos continuamente Guimarães que visitamos a miúdo, e consultando mesmo arquitectos, pintores e escultores de Guimarães ou aqui vivendo, que conosco concordaram, lançámos há dois anos e continuaremos a lançar a ideia de um obelisco. Feita uma maquette, aquarelado esse conjunto a melhoria da praça do Toural é manifestamente reconhecível e sente-se que a Praça se completa, se harmoniza e se funde no mesmo conjunto vi-



PRAÇA DO TOURAL

traçaram planos para o aformoseamento de Lisboa e Estoril que ainda hoje são seguidos, embora lentamente, por executores aos quais falta a elevação e o sentido criador desses mestres de renome universal. Cidades argentinas e brasileiras orgulham-se de conjuntos e de ambientes de construção onde se sente imediatamente o espírito criador e o génio imaginativo.

Guimarães, e já o dissemos mais vezes, é das cidades mais curiosas e interessantes da Península e por vezes lembra a fisionomia urbana de Nuremberg, e certos detalhes das urbes flandrasas. A todas as luzes, a todas as horas vista da Perha, do alto do Castelo medieval, de Santa Marinha da Costa, do alto da Cantonha, Guimarães desdobra-se em conjuntos de marcação arquitectónica cerrada e fundindo-se em blocos patinados de cinzento. Essa cor nortenha, essa morfologia urbanista dá-lhe um inconfundível aspecto, sendo talvez a cidade portuguesa a par de Évora — a quem se pode chamar uma Cidade-Museu. As suas ruas, as suas travessas, os seus largos embora por vezes irregulares e informes são no conjunto a massa fundível, a síntese da sua arquitectura típica e evolutiva, vinda desde o século XIII ou XIV até ao XVIII, como o demonstra a Rua de Santa Maria, que é a rua-vitrine, a via clássica de Guimarães, a cidade dos contrastes cinzentos. O seu Toural é uma praça irregular, mas como a Praça do Geraldo, em Évora, o seu ex-voto urbano e cidadão. Dentro do seu rectângulo falta um motivo, há um vácuo urbanístico e arquitectónico. Como resolver esse problema bá-

sual. Nessa praça tão curiosa, cujo nome Toural lhe vem do tempo de D. Sebastião, onde se correram Touros em sua honra, um obelisco seria a razão e a causa do seu renovo arquitectónico e do preenchimento desse vácuo urbano.

Nos jardins da Sociedade Martins Sarmento, honra e orgulho de Guimarães e de todos os «espíritos bem nascidos» como soia dizer Sá de Miranda, existe um obelisco, pertencente a um fontenário, que aumentado três vezes proporcionalmente seria o definitivo encontro para a realização do nosso alvitre. Estudado o problema por técnicos camarários e por artistas da região, arquitectos, pintores e escultores, é fácil dentro de um curto espaço de tempo reintegrar a Praça do Toural, dando-lhe uma esvelteza, um aformoseamento e um conjunto que são bem dignos dela. Assim Guimarães ficará com a sua praça votiva melhorada, reintegrada em linhas sintéticas e harmoniosas e para todos os amadores da arte e da beleza o Toural ficará completo, fundido num mesmo conjunto e de perspectivas definidas e completadas.

Por que não executar este alvitre tão simples? Por que não meter mãos à obra ainda antes das Festas Gualterianas? Aqui deixamos estas perguntas para que alguém a elas responda.

Correia da Costa.

Vacina anti-tífica e anti-paratífica

Todas as pessoas que pretendam submeter-se à vacinação anti-tífica e anti-paratífica, que será aplicada gratuitamente, deverão inscrever-se na sub-delegação de Saúde deste Concelho.

Apóstolo

Clamor... Apupos... E eu fugindo à frente Da multidão acesa em raiva, obscena... — «Prendam-no! À morte! Dai sem dó nem pena! «Roubou o fogo ao Ceu. É' a sarça ardente!

Eu corria ofegante e, humildemente, Chorava baixo... Não por mim! De pena De os ver possessos de ódio!... Amena, Descia a tarde bíblica, silente...

Não pude mais, tombei por terra exangue, Da minha frente borboalhava o sangue Das pedradas e golpes recebidos...

Onde estás que não vens, virgem piedosa, Voz inefável, mater-dolorosa, Aeolher no regaço os meus gemidos?...

1948.

AMÉRICO DURÃO.

Três pancadas... NO MEU

Exagero

Inovações e melhoramentos na nossa terra, são coisa rara. Por isso mesmo, quando surge qualquer alteração na vida rotineira do burgo, logo aparece um ou outro curioso ou basbaque a comentar e a demonstrar com a sua pasmacera que está pouco habituado ao que, afinal, é mais das vezes comensinho.

Vem isto a propósito do serviço de sinaleiros em actividade no topo norte do Largo do Toural, de utilidade muito prática e que há muito se impunha e que mais evidencia, agora, a conveniência de serem colocadas novas unidades em outros pontos de densa circulação.

E simultaneamente deve tratar-se da regularização do trânsito de peões nessas locais de maior movimentação. Pois como iam dizendo, os postos de sinaleiros na cidade, o que não é inédito na nossa terra, despertaram alguma curiosidade, mas não tanta que motivasse a atenção da imprensa que a noticiou como grandeza impressionante.

O número de curiosos foi diminuto e não passou da banalidade trivial. E ainda bem, porque se fosse de harmonia com o que se infere da referência jornalística, teríamos todos de passar por... aldeões descidos à cidade!

Candeeiros novos

De quando em quando lá surge um melhoramento na cidade. Mas são tantos os que a urbe necessita, que quando um aparece, quase passa despercebido.

O que agora entra no âmbito das realidades, merece justo relevo, não só porque alindou duas artérias centrais, como veio pôr termo à deficiência de iluminação que existia nas ruas agora beneficiadas.

Estão, portanto, as ruas de Camões e Dr. Bento Cardoso enquadradas no moderno sistema de iluminação, ostentando candeeiros que lhes dão um aspecto bem a carácter com o centro cidadão.

É tão grato o acontecimento, que quase passa sem reparo a mudança da última coluna da Rua de Camões, para o lado oposto no limite da Rua da Liberdade, parecendo que a colocação inicial estaria mais certa e em triangulação com a da Rua Dr. Bento Cardoso, remediando-se a iluminação do ângulo da rua da Liberdade com luz provisória, até que se instalasse a definitiva.

Mas do mal, o menos. E já agora, ocorre-nos perguntar: qual é a rua que se segue?

Um lapso?

A rua de Paio Galvão passou ultimamente por completa transformação, passando de um escuro e mal arranjado arruamento, para uma artéria de atraente conjunto, com bom e amplo piso e excelente iluminação pública.

Mas, como não há bela sem senão, será talvez impropriedade dizer-se que ficou completa a obra, e isto porque no termo da rua, no encontro com a rua de Francisco Agra, mesmo em frente ao limite do edifício ali construído recentemente, falta um candeeiro, para perfeito remate da rede de iluminação local.

E quem atentar no caso, no sítio

NO MEU CANTINHO

A sangrar sinceridade. Sinceridade a escorrer. Sinceridade em cachão.

Quando os alicerces dos projectados Paços do Concelho fizeram suar os porfiados operários, comeci a não simpatizar com o local.

Quando olhei as acanhadas dimensões do projecto, a anti-patia cresceu.

Mas o geral dos vimaranenses entusiasmava-se com as Obras Novas.

Um belo dia, no corredorzito da antiga Casota dos Correios, ouvi umas vozes a harmonizarem-se com o meu pensar. Fiquei surpreendido!

O tempo foi volvendo. As Obras pararam. O lixo juntou-se. A imundície apareceu. E um sono de morte se apoderou do Projecto.

Eis senão quando o nosso Notícias consente que uma série de onze largos e interessantes artigos venham sacudir o marasmo de dilatados anos.

E fui lendo atentamente as considerações tão bem urdidas e convenci-me de que o Articulista tinha carradas de razão.

Mudei o meu pensar, ó meu Confrade!

Mesmo aos 76, ainda volúvel!

De 1911 a 1945 fui vimaranense adoptivo.

Ainda há pouco insisti em ceder os meus ossos ao Cemitério de Atougua. Voltar a ser vimaranense.

Mas os meus não consentiram. E eu fiz-lhes a vontade.

Quanto mais envelheço, mais volúvel permaneço.

Que vergonha, meu Qualberto!

6.

próprio, chega a ter a impressão de que só por lapso não foi ali colocada a unidade cuja falta se nota, até mesmo porque a última coluna está situada a 30 metros de distância, no lado oposto, longe, portanto, do término da rua, o que reforça a conveniência de se rematar o assunto com utilidade e... simetria!

L.

A VOZ DAS FREGUESIAS

Ronfe, Vermil e Rendufe vêm a público com os seus depoimentos

No nosso lento caminhar através de todos os recantos do concelho, ouvindo aqui lamentações, além desânimos e noutras partes expressivos encolher de ombros num mimico gesto de descrença, vamos a pouco e pouco trazendo a público o que vai de necessidades e de aspirações por essas freguesias fora.

O que temos visto e ouvido, o que temos apreciado e concentrado no espírito, é de tanta grandeza, de tanta complexidade, que não nos seria possível dar em letra de fôrma, uma pálida ideia, sequer, da realidade dos factos, mesmo que dispuséssemos de um engenheiro excepcional.

Registamos hoje mais três depoimentos. São necessidades distintas e mais imperiosas e flagrantes umas que outras. Mas o anseio de realizações é absolutamente igual, como igual é a esperança que as três freguesias põem em quem de direito, para rápida solução dos seus respectivos problemas.

Vejamos agora o estendal de cada freguesia:

Ronfe

Deparamos finalmente com uma freguesia em franco progresso e com um apreciável desenvolvimento populacional e industrial.

Situada na margem direita do rio Ave a 8 quilómetros da cidade, S. Tiago de Ronfe conta 395 agregados familiares, com 1.900 pessoas.

Com uma Junta de elevado mérito e que devotadamente tem trabalhado pela freguesia, elevando a a um nível de prosperidade comparado com o dos grandes centros, Ronfe tem na base do seu progresso dois pilares de profundo poder: a união que faz a

força e a dedicação que por tudo se sacrifica.

Efectivamente, a uniformidade de acção que se regista, proveniente do perfeito entendimento entre o reitor, o ilustrado sacerdote Sr. P.º Horácio de Araújo e os membros da Junta, Srs. José de Oliveira Pinto, comendador António Teixeira de Melo e Abílio Luís Ferreira, tem sido a mola real que impulsiona a engrenagem que conduz ao sucesso.

Todavia, não obstante o muito que já está feito e apesar da alta categoria e vincada personalidade das entidades locais, há alguns problemas ainda pendentes, cuja solução tem escapado ao seu persistente trabalho.

Assim, e em contraste com o agradável conjunto já existente, onde há bastante industrial têxtil, escolas, luz particular e assistência social apreciavelmente desenvolvida, regista-se a falta de iluminação pública, de água potável em fontenários, de lavadouros, de arranjo de alguns caminhos e de telefone público!

O que há

A Casa do Povo de Ronfe, é a primeira do distrito. A sua criação deve-se ao espírito altruista, à tenacidade de vontade e mormente ao acrisolado amor à terra, de dois Homens que Ronfe jamais pode esquecer: Comendador António Teixeira de Melo e José de Oliveira Pinto.

E esta realização mais se avulta, por ser de si que transcende a centelha que ilumina e aquece o próprio meio.

E' criação da Casa do Povo, a Casa dos Pobres, cujo benéfico desenvolvimento se vem acentuando, estando ao presente a prestar assistência diária a trinta pobres e eventual a mais alguns.

Conclui na 4.ª página.

Os Paços do Concelho

Acompanhada com a merecida e precisa atenção a ponderada série de criteriosos, autorizados, e, conseqüentemente, bem fundamentados artigos, que este jornal acaba de publicar, perflhando-os, como é óbvio, e secundados dentro do mesmo critério, com justas razões de bom senso, por outros colaboradores igualmente excelentes, deve o povo da nossa terra sentir-se, a esta hora, plenamente convencido do que tem sofrido com a recusa obstinada da conclusão do seu Palácio Municipal.

Não é possível, em face dos orientadores esclarecimentos e dos argumentos irrespondíveis, largamente desenvolvidos naqueles primorosos artigos, continuarmos encapitados nesta apatia, nesta indiferença ou desdém, que seriam criminosos ante a legitimidade dos nossos direitos, pelos quais nos obrigáremos lutar em obediência aos nossos sagrados deveres de cidadãos disciplinados, cujas mãos, calejadas somente pelo trabalho pertinaz e honesto, representam, e representarão sempre, o fulgurante e honroso timbre do nosso escudo imaculado.

Quem cumpre deveres não pode, sob pena de considerar-se um autómato, um *sem-vontade* própria, renunciar aos seus direitos.

Guimarães merece, por todos os motivos e em todos os sentidos, maior recompensa, mais justo prémio dos seus sacrifícios, aliás pesados, que de boa vontade oferece à comunidade nacional, contribuindo grandemente, como poucos concelhos,

para o seu crescente progresso. Podemos afirmá-lo alto e bom som, de cara bem levantada.

Em verdade, muito seria para lastimar que ao número, não pequeno, das privações já por nós dolorosamente suportadas viesse juntar-se mais esta, diluindo por completo a nossa fagueira esperança de possuímos uma repartição condignamente instalada, de que carecemos como do pão para a boca.

Não somos nós, não são os Vimaranenses que não querem possuir aquilo a que incontestavelmente têm direito e que a nós, e só a nós, compete resolver, de harmonia com as nossas justíssimas aspirações.

Os Vimaranenses *querem*, nunca disseram que não queriam, a conclusão da sua casa da Câmara. E, se têm *«cruzado os braços»*, como muito bem disse, a propósito, um dos mais distintos colaboradores deste jornal, devem essa atitude de manifesto desalento, às constantes arremetidas de que aquele edifício tem sido vítima.

Mas, porque *«querer é poder»*, nós que *podemos*, devemos sair sem demora desta situação que nos vexa e nos rebaixa, e nos mantêm na contingência de conservarmos a principal repartição do nosso importantíssimo concelho numa casa *empresitada!*

Suponho ser este um caso virgem no país. Mas... que o não seja! Porventura justificaria-se tal situação? De modo algum.

LISBOA, 3-V-1948.

Prof. Abel Cardoso.
(Conclui no próximo número)

CONTRASTES!... As Festas da Cidade Aguas passadas...

A propósito de uma visita

A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, a que preside o ilustre e dedicado Vimaranesense, Sr. António José Pereira de Lima, devotado amigo de Guimarães, como tantas vezes o tem demonstrado, quer por intermédio do seu mérito pessoal, quer através dos cargos que tem exercido nesta terra, continua a empregar todos os esforços para conseguir que o Colégio de N. S.ª da Conceição, administrado por aquela Mesa, corresponda, em adaptação e em apetrechamento, ao verdadeiro fim a que se destina e satisficção o que a Lei exige quanto a condições higiénicas e pedagógicas. Para esse efeito, muito já tem conseguido a referida Mesa Administrativa, gigantesco sacrificio de quem se encontra a lutar dia a dia com a falta de recursos, pois tem a seu cargo a manutenção de um Anilo de entreados, para ambos os sexos, sustentado quase exclusivamente pelo Colégio. Perante esta circunstância e ainda porque se trata de um modelar estabelecimento de ensino particular para a educação e a instrução de meninas, justo é que a iniciativa oficial colabore na sua prosperidade de forma a colocá-la em condições de poder satisfazer os desejos de todos os pais e outros encarregados de educação, que pretendem aproveitar-se dele para o fim indicado. Se assim suceder, isto é, se o Colégio vier a ficar em condições de poder atender todos os pedidos, não só beneficiará o progresso desta terra, em matéria de educação e de instrução, como também será beneficiada a modalidade de Assistência a que já nos referimos. Assim o deverá ter compreendido o digno Chefe do Distrito, Sr. Major Armando Nery Teixeira, a quando da sua recente visita às instalações desse Colégio e do Anilo, acompanhado do Venerando Pai de Sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional. Estamos convencidos de que tanto o Ex.º Governador Civil, como o Ex.º Sr. Dr. António Pires de Lima se interessarão pelo desaparecimento das necessidades de mais urgente resolução, que a Sua Ex.ª foram apontadas pelo nosso velho e querido Amigo P.º José Carlos Simões de Almeida, dedicado membro da Mesa da mesma Irmandade e muito distinto Professor do citado e importante estabelecimento de ensino, cujo aproveitamento das suas alunas internas e externas, do ensino secundário e do ensino primário, tem sido, em cada ano lectivo, o melhor testemunho da competência, do zelo e do interesse com que o respectivo corpo docente exerce a sua dedicada e nobre missão de educar e de instruir. E porque se trata de um estabelecimento de ensino de semelhante natureza, nem o Ex.º Sr. Major Armando Nery Teixeira, na qualidade de prestigioso Chefe do Distrito, nem o Ex.º Sr. Dr. António Pires de Lima, como Pai extremoso de Sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional, ficarão indiferentes perante o que viram e ouviram no decorrer da visita em referência. E sendo assim, indiferente não ficará também o Governo da Nação perante tão justa aspiração de quem só procura trabalhar pela Vida e pelo progresso de Guimarães. No caso presente, trabalhar pela prosperidade do Colégio de Nossa Senhora

da Conceição é contribuir para a Obra de Caridade que o mesmo ajuda a manter, isto é, o referido Anilo.

Proibição que se impõe

Há certas pessoas que procuram levar a vida por processos que, em nossa opinião, não deveriam ser permitidos e os quais, portanto, as respectivas autoridades *deveriam* reprimir, em vez de os autorizar. Está neste caso, por exemplo, o que se passa com aquelas que, aproveitando-se de repugnantes crimes ocorridos em algumas terras, conseguem uma *versalhadura* sobre a narração dos mesmos — muitas vezes aumentada em noventa por cento — a fim de, ao som de desafiados instrumentos, percorrerem as ruas da cidade a *cantarolar* essas misérias humanas.

Ainda há dias presenciamos isso aqui, a propósito de um crime praticado em Ovar. É uma escola que a rua deve condenar e que, por esse motivo, não devem ser tolerados os factos dessa natureza. O povo necessita de exemplos de boa educação e de demonstração de bons instintos e não de exemplos reveladores da falta de sentimentos humanos e de atrozada civilização.

Nós, pelo menos, assim o pensamos.

Coração e Caridade

Se todas as pessoas de abastados recursos tomassem em consideração as necessidades e os sofrimentos de quem é vítima da miséria e da fome, com certeza que nem uma nem outra coisa lançariam na mais angustiada situação da luta pela vida tão grande avalançe de infelizes e, portanto, mais agradável se tornaria a vida desses nossos semelhantes. Porém, a quantidade de muitos detentores de astronómicas riquezas consistem apenas em obedecer ao imperativo da ganância e da avaréza, com activo repúdio pelos sentimentos da generosidade do coração, aos quais se encontra ligada a acção da Caridade. São esses, os que nada fazem ou nada produzem em benefício da pobreza, que se tornam indignos do respeito e da consideração que são devidas a quem proceder de forma contrária, isto é, a quem reconhece a necessidade de combater o sofrimento alheio, sem limite de fronteiras, como sucede por exemplo, com todos os benfeitores que praticam grandes acções de benevolência por intermédio da *Caritas* Portuguesa, organismo católico que não só presta assistência a nacionais como a estrangeiros. A provar esta afirmação, está o facto de terem vindo para Portugal alguns milhares de crianças estrangeiras, vítimas de um dos flagelos da guerra — a fome! Ainda há dias, vieram mais 500 dessas crianças famintas e que consolação não será para nós, portugueses, e de tirarmos das garras da fome — e até da morte — esses pobres inocentes, sem nenhuma responsabilidade nas desinteligências entre os povos.

São essas crianças, muitas delas mergulhadas nas trevas da orfanidade, que vêm ser beijadas pelo lindo sol de Portugal e acarinhadas e confortadas pela sensibilidade do coração dos portugueses dignos desse nome. Co-

No Salão Nobre do Grémio do Comércio de Guimarães reuniram-se na passada quinta-feira à noite, conjuntamente com as Comissões Executiva das Festas da Cidade e organizadora da Marcha Gualteriana, os representantes da Imprensa para quem o Presidente da Comissão Executiva, Sr. António José Pereira de Lima, ao assumir a presidência da sessão, teve palavras de agradecimento e de louvor. O Sr. Presidente disse, depois, encontrando-se naquele lugar devido à amizade e à confiança da Ex.ª Câmara Municipal que nele depositou o honroso encargo, o que muito o sensibilizou, afirmando, ainda, que aceitou a incumbência, por igualmente depositar a maior amizade e toda a confiança no número de pessoas que tem à sua volta.

Depois de fazer uma rápida exposição dos trabalhos da Comissão a que preside, o Sr. Pereira de Lima pediu a colaboração da Imprensa em quem confia plenamente.

Falaram seguidamente os Srs. António J. Pereira Rodrigues, que se espraçou em considerações à volta de alguns números do programa que está em esboço; Amadeu Guimarães, Presidente do S. N. dos Caixeiros, que informou terem começado os trabalhos para a *Marcha Gualteriana*, os quais decorrem com muito entusiasmo e serão por certo coroados do maior êxito; Américo Ferreira, que fez uma breve descrição do que será o *Cortejo Regional*, que este ano se dividirá em 4 partes, qual delas a mais sensacional: *Cortejo da Primavera, a Cultura do Linho, o Pão e a Vinha*; Joaquim Lorangeiro dos Reis, que expôs o que serão as duas *Corridas de Toiros*, por ocasião das *Gualterianas*, em que devem tomar parte Simão da Veiga, João Branco Nuncio,

Conchita Cintron, José Casimiro, Manuel dos Santos e outros artistas de grande nomeada, assim como os grupos de forçados amadores de Santarém e de Montemor — que vêm a Guimarães simplesmente por uma atenção à terra e devido à muita amizade que dedicam ao Sr. Bráulio Teixeira Carneiro e Dr. Adelino Ribeiro Jorge, que também prestou alguns esclarecimentos acerca da Provisão de S. Gualter, a que se procura imprimir todo o esplendor.

Os representantes da Imprensa foram depois informados do bom acolhimento que a Cidade tem dispensado aos membros da Comissão que têm andado a angariar fundos.

Ao encerrar a sessão, o Sr. Presidente agradeceu a comparação dos representantes da Imprensa, congratulando-se com a forma como decorreu aquela sessão.

Finda a conferência com os jornalistas prosseguiram os trabalhos da Comissão que trocou impressões sobre diversos assuntos e tomou algumas deliberações, tendo apreciado também diverso expediente assim como o andamento dos trabalhos.

Na forma dos anos anteriores e conforme o programa que já publicamos, realiza-se hoje na freguesia de Serzedelo a tradicional Festas das Cruzes, que ali costuma atrair muita gente e que este ano promete revestir desusado esplendor.

Haverá imponentes solenidades religiosas, que concluirão com uma vistosa Procissão e arraial em que se fará ouvir a excelente Banda do Pevidem.

Durante o dia poderão apreciar-se as Cruzes, artisticamente decoradas com flores e que serão colocadas em vários lugares da populosa freguesia.

Meus olhos foram beber à fonte dos lábios teus; beberam *fel e vinagre*... já têm sede de Deus.

Esses teus olhos que lindos são! Não é assim o coração.

Tam lindos, sim; mais lindos não... Esses teus olhos que lindos são!

— Dá-me também a beleza do teu jovem coração.

Merry.

eva 835

A CENTRAL DAS MEIAS. REALIZA-SE HOJE A **Festa das Cruzes** em SERZEDELO

Meus olhos foram beber à fonte dos lábios teus; beberam *fel e vinagre*... já têm sede de Deus.

Esses teus olhos que lindos são! Não é assim o coração.

Tam lindos, sim; mais lindos não... Esses teus olhos que lindos são!

— Dá-me também a beleza do teu jovem coração.

Merry.

Lembranças desconfortantes dos meus dias escolares

Foi ali, na rua Escura, a minha primeira escola. Em saleta sombria de um 2.º andar se empinhavam, como arduas em canastra, umas dezenas de almas. Com pouca diferença de horas, todo o dia se destinava à aula. Tirar os rapaziños da traquinice da rua era uma preocupação paterna.

A uns olhos,

os teus: que são abrothos para os meus.

Deus fez as belas estrelas pra alumiar os céus... Pra me alumiar a mim bastavam os olhos teus.

Ai, os teus olhos que lindos são! Será assim o coração?

Fui ao jardim buscar flores, colhi suspiros aos molhos; não há rosas mais formosas que os botões desses teus olhos.

Se tu és rosa, eu sou roseira: só restas vida à minha beira.

Teus olhos são dois ladrões, roubaram-me a liberdade: hei de mandá-los prender na cadeia da Saudade.

Preso a teus olhos quero morrer... e até a morte ser-me-á prazer.

Quero morrer pra dormir na paz do teu coração; duas velas — os teus olhos — não de velar meu caixão.

Quero morrer num frio leito; quero enterrar-me nesse teu peito.

No barquinho da Esperança perdi-me no mar da vida; mas um farol me guiou... Foram teus olhos, querida.

Olhos que eu amo vós me cegais: abri-vos menos que eu vejo mais.

A figura do mestre Valença tinha o ar desempenado de um sargento-mor. Seu bisonho carregado, austero, condizia com o seu método de ensino.

Método? Isto de ensinar meninos, não tinha para o mestre Valença, nada que saber. *Pedagogia*, foi uma coisa em que se falou mais tarde. Para aquele tempo, a ensinância punha todo o seu êxito no exercício da palmatória. "Quem dá o pão, dá o pau", — era uma fórmula educativa à escola: "Quem dá o ensino, dá o castigo"; e castigo, bem entendido, estava mais na pancada que na palavra.

Quando o mocinho escolar era entregue ao mestre escola, os pais acompanhavam-no com esta recomendação: — *Carregue-lhe, Sr. Professor!*

A palmatória, pois, era o espectro dos alunos e a auxilar do mestre.

Pelo Natal e mais pela Páscoa, era de uso levar — quem o podia fazer — um presente ao Sr. Professor. Na recepção do presente, desfranzia-se o semblante do mestre. Nesta atmosfera benévola, passava o mestre a seu aluno um documento de resgate condicionado, conhecido por — o *cartão dos perdões*. Nele registava-se um determinado número de perdões, quanto às negas da lição. Dest'arte, o número ia baixando; não conforme aos erros dados, mas à medida dos caprichos do professor. De onde resultava: cair-se vertiginosamente das alturas centesimais ao abismo do zero, em pouco tempo. O arbitrio, era a bitola.

Além deste "cartão dos perdões", havia outro regulador de castigos: era uma tábua em cerco giratório, adoptada na mesa do mesmo Valença. Quando estava de má catadura, punha a tábua rotativa na cor amarela. E o bando garrulo dos rapaziños trauzido de medo, fazia-se amarelo. Se, ao contrário, mestre Valença estava de ânimo desanuviado, a tábua fixava-se na cor verde. Ou não fosse o verde, a cor da grata esperança.

Quantas, quantas vezes os alunos furtando-se às contingências da palmatória, abusavam do salvatério tão descreditado, solicitado de braço estendido: — *Sr. Professor, dá licença de ir lá fora?*...

Mal desbravado no a b c, fui das unhas de mestre Valença, parar às nuhas de mestre Valério. Sua escola era ali na rua da Caldeira. Saleta sombria e limitada. Repartida esta por uma carteira extensa, a sala de aula configurava-se demarcada em duas zonas. Para mais, duas tabelas giratórias — uma de cada lado — mostravam os disticos — *França e Prússia*. Completando esta divisória fronteiriça, diariamente eram alguns alunos submetidos à lição, formados em dois grupos. Espécie de guerrilheiros *franco-prussianos*. Ao cabo da lição, apurado em conjunto o valimento de cada grupo, assim alcançariam a vitória ou a derrota. Então, o vencedor, fazendo pirraça aos companheiros do outro lado da fronteira, bradavam, com acompanhamento de palmas, em compasso:

UM CONTO POR MÊS

Ana Maria

Por ISAURA CORREIA SANTOS.

Ana Maria vivia só, sem relações íntimas, numa pequenina vivenda à beira-mar de uma ridente praia vizinha da Invicta. Viviam com certo conforto, vestia bem, mas sem opulência, sem luxo. Quem era aquela simpática morena de olhos negros, profundos, vivos e brilhantes como cristal? De onde viera? Ninguém o sabia, apesar de ter ali, há já quatro anos, fixado a sua residência. Todos sabiam, porém, que Ana Maria praticava a caridade em grande escala. Visitava, frequentemente, os bairros pobres das redondezas, levando vestuário, medicamentos, comestíveis, aos infelizes que disso necessitassem; visitava creches, asilos, hospitais, confortando os internados com o ar da sua frescura e beleza, e com o fruto da sua generosidade.

Era rica? O seu aspecto e a maneira, sóbria, como vivia, não denotavam riqueza. Todavia, a sua acção, larga e benemérita, a favor da grei, fazia crer que tivesse grande capital.

Herdado? Ganho, por si, nalguma empresa? Fosse como fosse, dinheiro não lhe faltava, apesar de não trabalhar. De não trabalhar, não é bem assim. Ana Maria fazia todo o serviço doméstico e, além disso, dedicava-se, também, a fazer planos para casas económicas que manteria construir. Um dia, em que o por do sol começava a oferecer-se num dos seus mais caprichosos efeitos, estava ela a traçar um projecto à beira-mar quando, inesperadamente, ouviu uma voz, agradável, dizer-lhe: «Perdoe-me, minha senhora... mas essa planta não está bem feita!»

Olhou para trás e viu, junto do seu ombro, uma cara trigueira, bem ma-

cula, de olhos castanhos, pequeninos, e penetrantes como um raio de sol.

Ana Maria já tinha visto aquele cavalheiro hercúleo, bem apumado, que costumava persegui-la — embora ela lhe não correspondesse.

Não pode reter uma gargalhada nervosa, que rematou dizendo enérgicamente: «Ninguém lhe pediu a sua opinião!»

«Eu sei, eu sei, e, por isso, lhe pedi perdão. Não me perdoará, a senhora que é o «anjo dos pobres?»

«Se-lo-ei? Mas o senhor não é um pobre...» — disse, de modo mais suave.

«Não sou um pobre? Como se enganaria! Sou um pobre que mendiga o seu olhar, a sua palavra, o seu interesse...»

«E que mais?» — perguntou irónicamente.

«... Que permita que a ajude a fazer esse projecto!»

Ana Maria achou graça àquela resposta e, sorrindo, passou-lhe o projecto para as mãos e disse:

«Veja lá, já que assim quer, se é capaz de resolver a dificuldade que se me depara no lançamento das escadas...»

O cavalheiro, exultante, ante aquela oportunidade de ver e ouvir bem de perto o que seu coração caprichava em eleger, sentou-se na areia e pôs o projecto em cima de uma revista que, há pouco, comprara a um desses arduos maltrapilhos e sebosos que, numa voz cansada pelo uso e mau passado, apregoam de onde em onde, jornais e mais jornais...

Com elegância e rapidez, fez alguns traços que, bela e sapientemente, resolveram a dificuldade que embaraçava Ana Maria. Esta olhou-o com vivo interesse e simpatia.

«Obrigada!» — disse, e perguntou: «É architecto?»

«Sim, minha senhora» — respondeu, olhando, penetrantemente, aqueles olhos escuros como se procurasse o segredo da magia do seu brilhante negrume!

A conversa continuou. Muito ani-

madamente, falaram de projectos e de construções.

Teixeira Martins (assim se chamava o architecto) ofereceu-lhe a sua colaboração, desinteressada. Foi aceite. Várias casas modestas, bem saneadas e alegres, foram construídas sob a direcção de Teixeira Martins e com o capital de Ana Maria. Essas casas eram, logo que terminadas, oferecidas aos inais necessitados que viessem em paradiiros de aqui e de além.

Então, no acto da entrega, era difícil avaliar a alegria dos contemplados e a dos benfeitores.

Qual seria maior? Ninguém sabia dizer-lo.

Um dia, Teixeira Martins, ao mostrar um lindo prédio, acabado de construir, a Ana Maria, disse em voz baixa e comocionada:

«Esta casa será para nós... se quiser tornar em realidade a esperança que há muito acalentou...»

Ana Maria, comovida, também, respondeu: «Oh, meu amigo! Por que insiste? Bem sabe que lhe quero muito, que o admiro, que lhe estou grata; mas também sabe a minha opinião quanto ao casamento!»

«Sim, sei que firmou o propósito de dedicar a sua vida aos pobres, somente aos pobres. Mas, como lhe tenho dito, eu sou um pobre também...»

Ana Maria olhou-o com ternura. Quanto lhe custava aquela renúncia! E como havia de convencê-lo a por aquela ideia de parte?

Sentaram-se num banco de pedra, e ela, abandonando as suas mãos nas dele, fez-lhe ver que não era rica, ao contrário do que parecia. O dinheiro que tinha, pertencia à grei... em conformidade com um compromisso que assumira com a sua consciência. Além disso, outra promessa fizera a si mesma... Calou-se, e Teixeira Martins, insistindo para que continuasse, ouviu-a dizer que na sua pequenina vivenda à beira-mar jamais viveria com quem quer que fosse... «Nada disso importa. Quero-a po-

bre, sem nada. Basta-me o seu coração, a sua pessoa...»

«Não sou rico, mas ganharei o suficiente para lhe dar um lar confortável, e bem aquecido com o meu amor... E quanto à sua vivenda... não me interessa. Faça dela o que quiser.»

«E não poderá dizer «faça nela o que quiser», meu amigo?» — perguntou Ana Maria, sem ousar olhá-lo.

Teixeira Martins sorriu e respondeu: «Isso depende... Desde que tenha confiança em si, não me importarei que faça dessa vivenda um escritório privado!»

Ana Maria suspirou e disse entre dentes: «Se me pudesse dedicar somente a si...»

«Mas... há outro no seu coração, na sua vida?» — perguntou o architecto, com ansiedade e ciúme.

«Não... bem sabe que não. O que existe, e quase preenche todos os meus pensamentos e cuidados, é o povo...»

Súbito, teve uma forte reacção e levantou-se. De modo decidido, disse: «Não falemos mais da nossa união. Não posso... Creia no meu afecto que, embora seja grande, não é suficientemente forte para me fazer renunciar à minha Obra!»

«Mas prosseguirá com ela. Por que não?»

«Não posso... não posso!»

Levou o seu lugar uma madeixa, ondulada, que o vento agitara, e despediu-se repentinamente do seu colaborador e pretendente.

O amor vence tudo — dizem os poetas e, confirmando esse parecer, temos o casamento de Ana Maria com Teixeira Martins. O amor que sentiam um pelo outro, tudo venceu... excepto o capricho de Ana Maria em ter a sua vivenda somente ao seu serviço. Só ela tinha a chave. Raras vezes lá levava o marido, e, quando o fazia, era de modo tão cerimonioso, tão retraído, que Teixeira Martins, o homem hercúleo que todos respeitavam, sentia-se como uma criança tímida que não ousasse mexer em quer que fosse.

Viviam felizes. Ana Maria continuava a trilhar o caminho que traçara — sem, contudo, deixar de ser boa dona de casa e esposa extremosíssima. Teixeira Martins, porém, apesar de se ver alvo de cuidados e carinho, não se sentia muito feliz... O ciúme começara a corroer-lhe a boa disposição que tanto o caracterizava.

Pouco a pouco, tornava-se triste, impertinente. Por vezes, tinha desejo de gritar à mulher: «Por que passas horas e horas na tua vivenda? Por que me não dá liberdade de nela entrar sempre que queira?»

Mas lembrava-se da promessa que lhe fizera antes do casamento, e faltava-lhe coragem para a quebrar.

Em dada ocasião, quando ela pagava a construção de certo bairro, o ciúme apoderou-se mais fortemente do marido.

«De onde vinha aquele dinheiro? Talvez lhe fosse dado por algum amante... que ela recebesse na vivenda à beira-mar» — dizia para consigo. Entretanto, sentia suores frios e grande impeto de por tudo a claro.

Espreitava-a, mas nada via que consolidasse a sua suspeita. Contudo... aquele veneno, aquele ciúme, continuava a ferir-lo mais e bem mais.

Por ele impedido, tirou o molde da chave da vivenda à beira-mar, e mandou fazer outra igual. Sim, entraria lá... Logo que julgou a mulher bem obsorvida com assuntos domésticos, saiu com o intuito de fazer uso daquella chave. Aproximou-se da porta daquella casa... Estava nervoso, sentia-se culpado, sentia-se assaltante, e teve vergonha de si. Voltou para trás. Não, não quebraria a sua promessa. Devia mantê-la, e ter confiança na mulher. Mas como? A sua vontade mostrava-se, agora, tão frágil!

Passaram-se dias. Teixeira Martins estava cada vez mais agitado. Oh, que bom seria ter calma! Como conseguia-lhe? Talvez indo àquella casa... ver tudo que lá existia... e, depois, confessaria à mulher a sua fraqueza. Ela perdoar-lhe-ia... Tinha que ser.

Julgando que a mulher não iria ao seu «escritório privado» durante a noite, disse-lhe que tinha de se encontrar com um mestre de obras, e saiu. Desta vez, não teria escrupulos...

Correu em direcção à vivenda à beira-mar. O quê? Luz lá dentro? Não... Era um reflexo de um farol. Trêmulamente, abriu a porta, e tornou a fechá-la. Entrou em todos os compartimentos, e nada viu de anormal. Demorou-se no escritório; abriu livros e mais livros. Tentou abrir gavetas, e algumas conseguiu abrir sem, contudo, encontrar o menor vestígio que culpasse a mulher.

O ciúme dava, agora, lugar ao remorso...

Súbito, ouviu mexer na porta da rua. Apagou a luz, e escondeu-se atrás da esanite dos livros.

Momentos após, sentiu passos leves... os passos da mulher. Conhecia-os tão bem!

Ana Maria acendeu a luz. Olhou tudo em redor, e dirigiu-se para o cofre.

Teixeira Martins seguia-lhe todos os movimentos. Como era linda e esbelta!

«É minha! só minha!» — exclamava para consigo, desejando correr para ela e apertá-la bem contra o coração.

Entretanto, Ana Maria tirou do cofre vários frascos e caixas. Sentou-se a secretária.

Acendeu uma luz muito intensa, pegou em lentes, pegou em... Que fazia ela? Para quê, tudo aquilo?

Teixeira Martins aguçou mais o olhar. Parecia-lhe que o seu coração estouraria de um momento para o outro.

Compreendia agora tudo... compreendia agora a cruel realidade. A mulher... sim, a mulher fazia dinheiro falso! Não para ela... mas, fazia dinheiro falso!

Deu um grito, correu para ela, sacudiu-a, e, de modo nervoso e rouquenho, gritou-lhe: «Desgraçada! Destroi tudo isto, e supõe que nada vi!»

FUTEBOL

O Vitória bateu o Olhanense por 3-1

Foi falho de técnica o jogo do passado domingo, no Campo da Amorosa, entre o Vitória e o Olhanense, valendo apenas pelo denodo com que os contendores o disputaram. Sob esta faceta o desafio pode classificar-se de bom, pois as equipas não se deram um momento de tréguas, tendo os jogadores, de parte a parte, suprido a golpes de energia a ausência de técnica patenteada. Diga-se, porém, que a desculpar o fraco valor técnico

da exibição está a acção do vento, que puxou forte durante toda a partida, não permitindo que os jogadores controlassem o esférico convenientemente.

Mas ainda assim o encontro foi agradável de seguir-se durante a maioria do tempo, e deu-nos ensejo de assistir à marcação de quatro tentos excelentes, como poucas vezes sucede num só jogo. Na verdade, todas as bolas marcadas — três do vencedor e uma do vencido — foram de molde a entusiasmar os assistentes, pelo brilhantismo de que se revestiram.

A equipe algarvia, que revelou bastante equilíbrio entre todos os sectores, sobressaindo, no entanto, o ataque, onde brilhou Cabrita, deu sempre boa réplica ao adversário e, pelo que fez e do que se mostrou capaz, custa a compreender que ocupe na classificação da prova tão modesta posição.

O Vitória teve períodos em que actuou com boa coordenação de esforços, mas outros houve em que a falta de entendimento foi notória.

Na defesa, Machado e Curado estiveram bem, enquanto Costa e Ferreira não satisfizeram. Luciano e Armando foram muito úteis, e o ataque mostrou-se voluntarioso, produzindo, todavia, menos de que aquilo que é capaz. Briosso quase se deixou anular por Grazina — um veterano que ainda tem personalidade.

O triunfo coube à equipe que melhor o soube conquistar, pois é fora de dúvidas que os locais tiveram na maioria do tempo vantagem sobre os adversários, quer no que diz respeito ao comando do jogo quer quanto à decisão de atirar à baliza.

A primeira parte acabou com os grupos empatados a um tento, sendo o do Vitória marcado, aos 8 minutos, por Miguel, a passe de Franclim, e o do Olhanense, aos 40, por Cabrita, com um chute de boa marca.

Na metade final o Vitória, após um período de ligeiro domínio dos visitantes, apontou fulgurantemente por Alcino o segundo tento, aos 17 minutos, e por Franclim o terceiro, aos 43, que finalizou serena e inteligentemente uma oportuna entrega de Briosso.

Arbitrou com autoridade e competência o Sr. Vale Ramos, de Aveiro.

Os grupos:
Vitória — Machado, Ferreira, Costa, Armando, Curado, Luciano, Franclim, Rebelo, Briosso, Miguel e Alcino.

Olhanense — Abrão, Rodrigues, Grazina, Acácio, Januário, Loulé, Soares, Cabrita, Eminência, Salvador e Carmo.

J. G. F.

Oferta de uma taça ao Vitória

O Sr. Afonso Dória, que foi primeiro sargento de Infantaria 20, e reside em Santarém, esteve nesta cidade, onde veio agradecer à Comissão Promotora das Festas Comemorativas das Bodas de Prata do Vitória Sport Club a inclusão do seu nome no respectivo quadro de honra dos fundadores, então inaugurado na respectiva sede, aproveitando a ocasião para oferecer ao glorioso Clube vimeirense uma taça de prata — como prova da sua muita simpatia e em homenagem à colectividade de que foi um dos fundadores.

A Garraiada

do dia 23

Programa geral da Garraiada a realizar na Praça de Toiros de Guimarães, em 23 de Maio, pelas 17 horas, organizada pela Comissão da Queima das Fitas da U. P.:

Serão lidados 4 toiros e 4 garraios.

Alberto Luís Lopes lidará, por especial deferência, 2 toiros a cavalo e um outro a pé.

Henrique Caldas de Oliveira lidará a pé um toiro.

Coadjuvam a lide os bandarilheiros profissionais:

Jerónimo Plá-Flores, António Dias, José Coimbra, e o peão de brega do cavaleiro Alberto Luís Lopes.

Os 4 garraios serão lidados por diversos alunos da Universidade do Porto: um grupo de Moços de Forcados, composto por alunos das 4 Faculdades, farão as pegadas ordenadas pelo Director.

Bilhetes à venda na Casa Ferreira da Cunha: sol, 10\$00; sombra, 20\$00.

Realizou-se, ontem, uma Peregrinação à PENHA

Em peregrinação ao Santuário Eucarístico da Penha, vieram, ontem, as alunas e professoras dos Colégios de Viseu, Vila do Conde e Póvoa de Varzim.

Às 9 horas da manhã, pelo incansável sacerdote Monsenhor Domingos Gonçalves, foi celebrada a Santa Missa, com allocução, fazendo-se numerosas comunhões e da parte de tarde houve recitação do terço e Bênção do Santíssimo Sacramento.

Durante o dia as peregrinas visitaram as Grutas de N. S.ª do Carmo e de N. S.ª de Lourdes, monumento a Pio IX, etc., gozando as delícias da quebra de pão e belezas naturais da Montanha, retirando encantadas com o que lhes foi dado admirar.

Espera-se que outras peregrinações de diferentes localidades comecem a vir à nossa formosa Montanha Santa nestes primeiros meses e bom seria que das freguesias do nosso concelho também se lembrassem, como já em anos passados, de fazerem a sua visita, agora, ao Santuário, completamente concluído.

Círculo de Cultura Musical

No próximo sábado, dia 15 do corrente, vai realizar-se pelas 21,30 horas, no Teatro Jordão, o quinto e penúltimo concerto desta temporada brilhantíssima.

Visita-nos agora a extimia violinista Ginett Neveu, considerada pela crítica como uma das maiores artistas do mundo actual e que tão apreciada foi em Lisboa e Porto, quando da sua estadia em Portugal, numa das épocas anteriores do Círculo de Cultura Musical.

Volta ao nosso país a pedido das Delegações que não tiveram ainda o prazer de a ouvir e será acompanhada ao piano por seu irmão e igualmente notável artista Jean Neveu.

Como sempre, estas audições são privativas dos sócios do Círculo de Cultura Musical.

Ainda a Semana das Colónias

Também na Escola Industrial e Comercial desta cidade se comemorou a Semana das Colónias. Para esse efeito, teve lugar num dos amplos salões do referido estabelecimento de ensino, no passado dia 1, uma sessão solene presidida pelo seu ilustre Director, Escultor Sr. António de Azevedo, e com a assistência do corpo docente, dos alunos dos cursos ali professados e ainda de outras pessoas. Aberta a sessão, e depois de breves palavras pronunciadas pelo Sr. Director da Escola, este deu a palavra ao Professor Sr. Dr. Daniel Nunes de Sá, que, referindo-se ao patriotismo e às glórias dos nossos antepassados e à sua acção no que respeita ao nosso vasto império colonial, apresentou um claro e elucidativo trabalho sobre a Colónia de Angola, focando os factos mais importantes referentes a essa possessão, sob os seus principais aspectos e de harmonia com a finalidade da iniciativa da Sociedade de Geografia, promotora dessas sessões patrióticas e culturais.

No final, aquele ilustre Professor foi muito aplaudido pela assistência e recebeu os cumprimentos dos seus colegas.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 10, o nosso querido amigo e ilustre oficial da Armada Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão e os também nossos bons amigos srs.: Manuel José Mendes de Castro Guimarães e Matias Faria da Silva, das Taipas; no dia 11, o menino José Torcato, filho do nosso querido amigo e ilustre Colaborador sr. Dr. Américo Durão e os nossos prezados amigos srs.: Amadeu da Costa Carvalho e Luis Gonzaga Pereira e a Sr.ª D. Adelaide de Oliveira Freitas; no dia 12, a menina Aurélio Gonçalves de Freitas e os nossos prezados amigos srs.: P.º António Pires Quesado, Joviano Ramos Camisão e Alberto da Cunha e Castro e o nosso simpático amigo sr. Manuel Pereira de Freitas Cosme; no dia 15, a menina Maria Joaquina da Silva Freitas, e nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Lobo e a sr.ª D. Maria de Lourdes Pires Dourado, residente no Rio de Janeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. José Braz Dourado; no dia 16, a sr.ª D. Rita Moura Machado e o nosso bom amigo sr. José Gonçalves. "Notícias de Guimarães", apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Nascimento

Em quarto particular do Hospital da Misericórdia deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso amigo sr. Joaquim da Silva Martins. Mãe e filha estão bem.

Partidas e chegadas

Com sua família tem estado em Ancora o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

— Regressou de Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Amadeu C. Pena, fort.

— Estiveram em Lisboa, de onde já regressaram, o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e sua esposa a sr.ª D. Ana Mendes Fernandes Pimenta e filhos os nossos bons amigos srs. Alberto Pimenta Machado Júnior e José Alberto Pimenta Machado.

— Regressou à Capital o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. Dr. Joaquim Correia da Costa.

— Com sua esposa e cunhada encontra-se nas suas propriedades de Alvarinho (Nespereira), o nosso bom amigo sr. Francisco Alberto Costa.

— Com sua esposa, esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães.

— Tem estado entre nós o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Hercúlio Dias de Castro Queiroz.

— Esteve entre nós o nosso querido amigo sr. A. L. de Carvalho, nosso distinto colaborador.

— Fixou residência nesta cidade, com sua esposa, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise.

— Vimos em Guimarães o nosso prezado amigo sr. Eduardo A. Reis Guimarães, do Porto.

— De regresso de Africa, onde se encontrava há mais de 20 anos, encontra-se entre nós o antigo comerciante desta praça sr. António Cabral.

Pedido de casamento

O nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Joaquim da Silva Xavier e sua esposa a sr.ª D. Aurora da Assunção Ribeiro Xavier, pediram em casamento, no passado dia 23 de Abril, para seu filho o nosso simpático amigo sr. António Joaquim Ribeiro da Silva Xavier, a mão da gentil menina Maria Emília Celeste Rodrigues de Almeida, filha do sr. Joaquim de Almeida Guimarães, industrial em S. Miguel de Creixomil e de sua esposa a sr.ª D. Teresa Marques Rodrigues de Almeida, devendo realizar-se em muito breve o auspicioso enlace.

Aos noivos, que são possuidores dos melhores predicados e de primorosa educação, desejamos as maiores venturas.

Doentes

Esteve algo incomodado o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. António J. Pereira de Lima.

— Também tem estado doente o nosso prezado amigo e digno Abade de S. Torcato, rev. Henrique José Gonçalves Pereira.

— Tem estado bastante doentes as esposas dos nossos prezados amigos srs. Dr. Alfredo Peixoto e João Pereira Mendes.

— Também tem passado muito incomodado o nosso prezado amigo e antigo comerciante local sr. Francisco Martins.

A todos os doentes desejamos rápidas melhoras.

Diversas Notícias

Abastecimento de águas à Cidade

Prosseguem com actividade os trabalhos para o abastecimento de águas à Cidade, no Rio Ave. Foram já feitas as devidas medições dos caudais que satisfazem plenamente.

TINTURARIA SUL-AMERICANA

SEDE NO PORTO

FILIAL: Rua de Vila Flor, 111 — GUIMARÃES

Participa ao Ex.º público que abriu ontem, sábado, as suas instalações, na rua acima indicada e espera atenciosamente as ordens de V. Ex.ª

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ENGENHARIA

MENDES DE ALMEIDA ENGENHEIRO CIVIL

Estudos, projectos e execução de toda a espécie de obras de Engenharia e Arquitectura.

RUA DA CALDEIROA, 64 GUIMARÃES

887

Confraternizando

No dia 3, estiveram nesta cidade os empregados do Banco Nacional Ultramarino, do Porto, que se reuniram com os seus colegas da Filial de Guimarães, em almoço de confraternização, num restaurante desta cidade, tendo o mesmo decorrido num ambiente de franca solidariedade.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanentemente a Farmácia Henrique Gomes, à Rua da Rainha.

UMA CAMISA *eva*, um fato distinto, *eva*, uma peça de boa qualidade, *eva* denunciarão bom gosto.

Agressão

A P. V. T., do Posto de Guimarães, capturou e enviou ao tribunal José Pereira da Silva Penas, motorista, residente na Rua da Senra, Vila do Conde, e João de Sousa Macedo, ajudante de motorista, morador na Rua José Falcão, Póvoa de Varzim, por motivo de quando o primeiro conduzia a caminheta de carga BD 12 00, levando como ajudante o 2.º, se terem envolvido em desordem, agredindo-se mutuamente a soco, resultando ficarem ambos feridos.

Novo Professor

Tomou posse do lugar de professor efectivo do 3.º grupo do Liceu de Martins Sarmento o Sr. Dr. José Gomes de Oliveira Matos.

O nosso mercado

Pedem-nos que chamemos a atenção dos fiscais da Câmara Municipal para o abuso praticado por algumas regateiras do mercado, que fazem as suas transacções antes da hora regulamentar.

Pela Polícia

Maria Mendes Fernandes, casada, doméstica, da rua João de Melo, queixou-se à Polícia contra Adélia Gonçalves, casada, operária fabril, do Largo da Oliveira, por arrombamento e furto na sua residência, avaliando o dano em 1.650 escudos. O assunto foi enviado a Juízo.

Feiras e Romarias

Romaria Pequena de S. Torcato

Realiza-se no próximo domingo na linda povoação de S. Torcato a denominada Romaria Pequena, que constará de solenidades no Santuário e uma vistosa procissão, assim como de arraial com fogo, música e outras diversões, devendo realizar-se durante o dia, entre esta cidade e o local da romaria, carreiras de camionetes.

Casa do Povo de Vizela

CONCURSO

Está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, que finda no dia 23 de Maio, para o lugar de médico desta Casa do Povo. As condições do concurso acham-se patentes na sede desta Casa do Povo em todos os dias úteis.

Vizela, 20 de Abril de 1948.

Vida Católica

Festa de Santo António, em S. Domingos

No segundo domingo do próximo mês de Junho, dia de Santo António, realizar-se-á com toda a imponência no templo de S. Domingos a festividade anual em honra do Glorioso Taumaturgo.

Nesse dia e na forma dos demais anos far-se-á a distribuição de milhares de borras de pão aos pobres, muitos dos quais são todos os meses subsidiados com o Pão dos Pobres, daquela bela Instituição Vimeirense.

A Mesa da Irmandade esforça-se no sentido de imprimir à próxima festa desusado esplendor, tendo convidado a pregar na solenidade o Rev. Dr. Cunha Portugal que o ano passado se fez ouvir pela primeira vez em Guimarães, com muita erudição, na festa em honra de S. Gualter.

Há muito interesse em ouvir o talentoso orador, ilustre membro da Ordem de S. Francisco de Assis.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro — Realiza-se hoje na capela dos Padres Redentoristas, à Rua de Santa Luzia, a reunião mensal da Arquiconfraria de N. S.ª do Perpétuo Socorro, constando de manhã de missas e comunhão geral, e de tarde, terço, prática, consagração, exposição, e Bênção do Santíssimo.

Nossa Senhora do Terço — A Irmandade de N. S.ª do Terço, erecta na antiga igreja de S. Domingos, manda celebrar no próximo dia 9 de Maio, pelas 8 horas, na igreja da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio a missa estatutária em honra da sua Padroeira.

Amor Divino — A Irmandade do Amor Divino, erecta na igreja de S. Dâmaso, manda celebrar no próximo dia 17 de Maio a missa estatutária em honra do seu Patrono, pelas 8 horas.

eva 834

Será na Rua de Santo António — (em frente à Foto Beleza).

Arrematação

O Secretário-Tesoureiro da Comissão Administrativa da Cantina de «Assistência Social», torna público, por esta forma, de que no dia 16 do corrente, pelas 11 horas, na Sede do Batalhão n.º 13 da Legião Portuguesa, à Rua dos Laranjais, se procederá à arrematação, em hasta pública, das lavagens que foram produzidas na Cantina a cargo do referido Batalhão, durante o corrente ano, sendo as mesmas adjudicadas a quem maior lance oferecer.

As condições da arrematação acham-se patentes na sede do já citado Batalhão, podendo ser consultadas todos os dias úteis, das 14 às 17 horas.

Quartel em Guimarães, 8 de Maio de 1948.

O Secretário-Tesoureiro,

840 José Mendes Ribeiro Júnior.

CITROEN 11 H. P. 1948

VENDE: António José Trindade R. de Santo António, 53 - Guimarães.

Recital

do Pianista e Compositor EURICO TOMAZ DE LIMA

Realizou-se na penúltima quinta-feira no «Grémio do Comércio» o anunciado concerto do ilustre pianista Eurico Tomaz de Lima. Assistência escolhida, ambiente de compreensão musical e um vivo interesse pela execução de todos os números do programa, definiram a categoria do concerto. De nome bastante conhecido, Eurico Tomaz de Lima, senhor de uma técnica segura, dum virtuosismo vibrante comunica ao piano uma intensa compreensão de todas as nuances musicais. Nas suas mãos o piano tem uma vibração interior, e a música funde-se com a sua alma e o seu espírito de artista.

A primeira parte com a sua 2.ª Sonata revelou plenamente as suas qualidades de compositor e de executante de elite. «A Suite portuguesa» definiu novamente os predicados manifestos que Eurico Tomaz de Lima revela como «construtor musical». A Valsa de Strauss e a Polaca (Heróica) de Chopin foram superiormente interpretadas. Sentiu-se em tudo a personalidade do artista. Completada a 2.ª parte com pleno virtuosismo, seguiu-se em 3.ª «La Campanella» de Paganini, Jogos de Água de Ravel, a peça mestra que o pianista revela e que foi fartamente aplaudida, e o «Estudo de Concerto» de Marcel Ciampi.

Extra programa tocou a «Dança dos Fogos», de Falla, e um estudo de sua autoria. Assim Eurico Tomaz de Lima neste programa marcou todas as «nuances» do seu temperamento de compositor e pianista e revelou mais uma vez as suas altas qualidades de executante.

Foi um belo concerto que só honra a Comissão que o organizou e o público vimeirense. Todos os factos aplausos recebidos por Eurico Tomaz de Lima, só confirmam a excelência das suas qualidades.

— Viva a França, morra a Prússia! Morra a Prússia, viva a França!

E o mesmo, pela inversa. Quanto aos efeitos desta luta de competição, não há dúvida que eram... os melhores. Fora da aula, os rapaziños traquinias, em movimentos vitalizadores, brincavam à guerra.

Oh! Quanto mentia o declamado monólogo do estudante alaciano na afirmação de que — «antigamente a escola era risonha e franca»!

Que máscaras risonhas faziam os rapaziños ao ver o mestre Valério segurar o indefeso aluno na sua garras, para lhe descarregar bolaria de criar bicho!

Para dar alívio a esta tarefa de castigos corporais, alternava o mestre fazer-se substituir por um ou outro aluno mais adiantado e ladino. Então ordenava:

— Carrega-lhe... uma dúzia! Afritivamente chorava a vítima. O companheiro teria de ser fiel executor, sob pena de transferir a si a pena. Assim me havia de suceder um dia. Dest'arte se endureciam os ânimos nestes espectáculos brutais.

Antes, ao menos, sofrer o castigo da «cartola». Aluno que fosse delinquente, relapso, gaseante, subiria para um banco, sustendo na cabeça a grande cartola talhada à grotesco, onde se lia esta coisa desprestigiante — MALANDRO.

Mestre Valério, tinha no foro eclesiástico ordens de minorista. Nos momentos livres, accorria aos pingos da igreja — pelos enterros, lausperenes, novenas. De onde lhe proviera o apodo arrelhante de — *Pad' Zé Nunca!*

Na hora extrema da velhice, achado de reumatismo, tropeço, olhos ofthalmicos, eunoveados de cataratas, recolhera-se o Valério à sua Ordem de S. Francisco. Ali o fui algumas vezes visitar, levando-lhe nas mãos alguma coisa. Simplesmente eu não terei, por tão escassa e míngua assistência, um crédito aberto no Cén. E' que nunca soube apagar — nem mesmo a sombra do mestre inválido — a lembrança daquela terribilíssima palinatória, nem tampouco perdoar aquele que da fêmea rija tão mau uso fizera.

A. L. de Carvalho.

A voz das Freguesias

Continuação

rações religiosas realizam sessões e espectáculos culturais, com a colaboração da orquestra privativa da Casa do Povo, que também coopera nas festividades religiosas.

E' da iniciativa da Casa do Povo a construção de um amplo edificio escolar, reforçando louvavelmente o funcionamento das escolas já existentes em edificio próprio.

A freguesia está dotada de iluminação eléctrica particular, e tem industria têxtil em boa situação.

O templo está bom, graças e generosidade dos beneficeiros.

Existe aqui um bom núcleo de escuteiros, grupo que já data de há muitos anos, do tempo saudosos em que larga caminhada levava o nosso querido director todos os domingos a Ronfe, instruir os rapazes...

O que é preciso

O progresso da freguesia, já bastante notável, como se disse, encontra-se estacionário devido à atitude de uns tantos proprietários, os quais, obedecendo a preconceitos descabidos ou agarrados à rotina que tudo empata, de maneira alguma vendem terreno pretendido para construções particulares e que mais vitalidade dariam à freguesia.

Há conveniência em se proceder ao arranjo dos caminhos seguintes: da Cruz do Romeu a Chuzende; do Barroco a Ferreiros; de Além à Cruz. Vai para cinco anos, construiu-se uma estrada da Cruz do Romeu ao lugar do Monte, cuja continuação até Chuzende seria muito útil e tornaria menos urgente o arranjo dos caminhos citados acima, pois estabelecerá por si as respectivas comunicações.

Mas sem essa continuidade e com a estrada em mau estado como está, mais gravidade atinge a urgência de arranjo desta ou daqueles, na impossibilidade de conserto geral.

No capitulo iluminação, somente as casas fruem dessa comodidade, não fazendo sentido que esse beneficio não seja público.

Impõe-se, portanto, a iluminação das partes centrais, nomeadamente: Igreja, Avenida, Poderoso e da Mogada à Poça.

Há necessidade urgente de exploração de água potável, para utilidade da população em fontanários limpos e apropriados.

E quase dependente desta realização outra surge: lavadouros públicos. Aqui como em toda a parte, faz imensa falta esta comodidade, o que é inadmissível num povoado florentino onde abunda a água.

E para finalizar, um paradoxo: nesta freguesia densíssima, com alto nível de progresso e de notável movimentação, não há telefone público!

Custa a acreditar, custa, mas é verdade!

Fazemos votos para que este memorial de necessidades prenda a atenção de quem de direito e que Ronfe complete sem mais demoras o seu cartaz de melhoramentos.

Vermil

Esta freguesia compõe-se de 150 fogos e 750 habitantes, sendo a Junta composta pelos Srs. Lufs Correia Mesquita Dinis, Joaquim Fernandes Salazar e Albino Lopes da Silva e a paróquia pastoreada pelo Sr. P.^e Flávio Marques Nogueira.

Percorrendo-se o questionário referente a esta freguesia, deparam-se nos 4 pontos que exigem atenção imediata: a construção de novo cemitério, edificação de escola, reparação de caminhos e captação de água potável.

Na realidade, a freguesia tem presentemente um cemitério acanhadíssimo e até anti-higiênico, que reclama urgente remoção.

A construção de recinto mais amplo e melhor situado é uma das maiores necessidades da freguesia.

Vermil não tem edificio escolar próprio. Não há falta de leccionamento às crianças, porque funcionam ali dois pontos de ensino. Mas isso não corresponde às necessidades da população infantil, que tem de sujeitar-se à frequência da aula em local acanhado e inestético, diminuindo o aproveitamento e não tendo as crianças o âmbito higiênico de um amplo salão e de um agradável recreio.

Justifica-se, portanto, a carência de construção de edificio escolar a carácter, para que sem mais demora se elimine este desconforto.

Quanto a caminhos, estão todos em péssimo estado. E' velha a aspiração da freguesia a ligação para as aldeias da Portela e Couces, estando esta totalmente isolada do povoado.

Não há água potável. As duas fontes que existem são de murgulho e muito acessíveis a tornarem-se focos de doença. Também não há lavadouros.

Vermil está privada de posto público com telefone, o que a prejudica imenso nas suas comunicações.

Igualmente esperam as entidades locais que a freguesia seja beneficiada com o encerramento da taberna ali existente, imunda e antagónica à elevação social que se vem desenvolvendo.

Temos, portanto, uma série de necessidades a reclamar a imediata atenção de quem de direito, para que desapareçam no mais curto prazo de tempo.

Rendufe

Eis outra freguesia onde tudo falta. Não tem escola nem camiuhos capazes; não possui fontanários nem lavadouros; não há luz eléctrica nem telefone.

Enfim, não há nada! Ou antes, existem simplesmente outras tantas aspirações e ansiedades pela hora em que as autoridades responsáveis deitem um olhar misericordioso para este sudário de necessidades e as elimine seguidamente, senão no todo, ao menos a pouco e pouco.

As entidades locais, representadas pelos Srs. Joaquim Fernandes Ribeiro, Manuel Novais Fernandes e José Fernandes, componentes da Junta, e P.^e João Soares Guimarães, dedicado reitor da freguesia, têm sido incansáveis nas tentativas para a solução dos seus urgentes problemas. Mas até ao presente nada têm concretizado, mau grado seu.

E no entanto a carência dessas realizações está bem patente.

A escola é um elemento cuja falta é extremamente prejudicial, pois as crianças ou ficam analfabetas ou têm de procurar a instrução em outras freguesias, tendo de percorrer grandes distâncias.

A instituição da escola já várias vezes foi pedida à Câmara, oferecendo-se simultaneamente terreno, madeiras e carretos para a construção do respectivo edificio, mas nem assim a freguesia foi ainda atendida.

Todos os caminhos se encontram em mau estado. Por estarem intrinsecamente, carecem de imediata reparação os seguintes: da Sabugosa à Igreja, da Viacova e da Igreja até Lobeira e a estrada da Corredoura a Castanheira e cuja continuidade tem sido várias vezes pedida.

Rendufe tem bastante água potável. Para a sua perfeita utilidade, impõe-se a construção de alguns fontanários, mormente nos lugares mais populosos, assim como lavadouros públicos, cuja falta é muito sensível.

A luz eléctrica é um melhoramento que a freguesia há muito aspira e que seria de grande impulso para o desenvolvimento do meio.

Não há aqui qualquer telefone. Para chamadas urgentes de socorros médicos ou de serviço de incêndios, só com muita demora se obtém comunicações, porque se tem de calcular a larga distância até se encontrar um posto público ou assinante particular.

Por isso mesmo, se torna imperativa a instalação de telefone público nesta freguesia, para que com a sua prática utilização se possam evitar desgraças de vulto, em caso de necessidade urgente.

Juntamos o nosso apelo ao dos povos interessados nestes melhoramentos, qual deles o mais imperioso e útil, e como eles ficaram esperanças em que o ostracismo em que vivem, encontre finalmente o seu termo.

Kin6.

AGRADECIMENTO

Augusto R. de Araújo vem por este meio agradecer a todas as pessoas que durante a sua estada no Hospital da Misericórdia desta Cidade, onde foi operado no dia 15 de Abril p. p., o visitaram e se interessaram pelo seu estado de saúde, bem como ao pessoal do referido Hospital, pela maneira carinhosa como sempre ali foi tratado. Ao Ex.^{mo} Provedor da Santa Casa, Senhor Mário de Sousa Meneses, também manifesta publicamente o seu reconhecimento pelo interesse que revelou para que nada faltasse no decorrer do tratamento a que teve de submeter-se.

A todos aqui deixa exarada a sua gratidão.

Guimarães, 5 de Maio de 1948.

Augusto R. Araújo.

eva 833

Dentro de dias lhe apresentará lindas novidades em sedas.

Vendem-se 5 tearos me industriã condicionada.

Informa esta Redacção. 829

José Pelayo e Silva

Solicitador encartado
Escritório: Largo do Toural, 52-1.^o
— GUIMARÃES —

ESTAÇÃO DE VERÃO DE 1948

Casa do Leque

de **Benjamim de Matos & C.^a, L.^{da}**
Toural -- Guimarães

Novidades em tecidos de lã, seda e algodão para vestidos, casacos, blusas e confecções interiores.

Variada Colecção em BOTÕES, RENDAS e BORDADOS de importação directa da Suíça, Checoslováquia, Inglaterra e América do Norte.

PANOS para Stores e Cortinas e rendas próprias. LÃS em fio para Tricó.

CARTEIRAS para Senhora, meias de seda, Escócia e vidro.

ENXOVAIS para noivos e baptizados.

VÉUS de seda em preto e brancos de 3 e 4 pontas — Grande Novidade.

Grande e variado sortido em Miudezas.

Artigos em liquidação imediata com 30 a 50 por cento de abatimento.

GIORGETES, MURCES de seda em todas as cores, FIOCOS, TECIDOS de algodão, MEIAS de seda e de Escócia — estas com pequenos defeitos, só na CASA LEQUE, a Casa que mais barato vende, a Casa que melhor sortido apresenta.

839

A nossa Colegiada

A histórica e esquecida Colegiada de Guimarães — que não está extinta porque existe ainda um velho cônego — cre-se que não poderá ser renovada porque há falta de clero nas dioceses.

Do «Diário de Lisboa».

A MOCIDADE PORTUGUESA,

de Portalegre, e os Falangistas espanhóis, prestaram homenagem a D. AFONSO HENRIQUES

No sábado dia 1, chegaram a esta cidade cerca das 19 horas, para cima de cem filiados da M. P. de Portalegre e filiados da Frente das Juventudes da nação vizinha com seus dirigentes. A M. P. acampou no interior do nosso venerando Castelo onde montaram as suas cozinhas.

No domingo ao chegarem os principais dirigentes vindos do Porto na esplanada do Castelo estando todos os filiados debaixo da forma foralhe dadas as boas vindas pelo Sub-Delegado da M. P. desta cidade, Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes que no final do seu discurso ofereceu ao Delegado da Mocidade de Portalegre um lindo ramo de flores, agradecendo este a prova de simpatia e amizade dispensadas.

Terminados os cumprimentos dirigiram-se todos para junto da estátua do Rei Fundador prestando-lhe uma homenagem que a todos encantou pelo cunho de patriotismo de que se revestiu. Falaram os Srs. Inspector Pires Antunes, de Portalegre, D. Pablo, Delegado Provincial de Badajoz que no final do seu patriótico discurso em que frizou a amizade que existe entre as duas nações ofereceu à M. P. de Portalegre uma rica bandeira, acto que foi sublinhado com uma prolongada salva de palmas.

O Sr. Dr. Armando Sampaio fez a entrega do Símbolo da M. P. a alguns graduados, dizendo-lhes que tomassem aquela bandeira e que a soubessem respeitar e defender.

Ouve-se o toque de clarins em continência e saudação. O Sr. Cônego Dr. Francisco Maria da Silva, da Sé de Evora e Delegado Provincial da M. P. proferiu um patriótico discurso que foi um verdadeiro hino de amor a Portugal terminando com uma saudação ao símbolo da Redenção à Santa Cruz.

A observar a patriótica cerimónia juntaram-se muitas pessoas, que aplaudiram os oradores.

Os rapazes da M. P. e Juventudes Espanholas desfilarão, em seguida com todo o garbo pelas ruas da cidade sendo precedidos pela nossa gente que admirou o seu porte.

Os dirigentes acompanhados pelo Sub-Delegado local Dr. Jorge da Costa Antunes subiram a montanha da Penha ficando extasiados com as belezas naturais e o soberbo panorama que dali se divisa.

No dia 3, retiraram de Guimarães.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 7 de Maio de 1948

Sob a presidência do Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

Em seguida, foi resolvido o seguinte: — Atendendo à necessidade de se conseguir uma enfermaria para doentes contagiosos, afim de serem melhoradas as condições sanitárias do Hospital, a Mesa procurará intensificar os seus esforços nesse sentido, junto da Comissão das Construções Hospitalares e de outras entidades superiores. — Adquirir mais dois aspiradores para os serviços de limpeza das enfermarias.

— Mandar proceder à reparação dos telhados da Igreja da Misericórdia.

— Deferir, nos termos legais, o pedido do Sr. Amílcar Lopes, para efeitos de trespasse da Fotografia Moderna, ficando o mesário, Sr. João A. da Silva Guimarães, autorizado a intervir no respectivo contrato.

— Indeferir o pedido do Sr. Joaquim Mendes de Oliveira, de Serzedelo, em virtude dos motivos que lhe serão comunicados por officio.

— Exarar um voto de pesar pelo falecimento da Irmã dasta Misericórdia, D. Ambrosina de Sousa Soares de Oliveira, viúva do antigo Provedor Manuel Martins Barbosa de Oliveira.

Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para esta Santa Casa e foi verificado o cumprimento de todos os legados e aprovado o balancete do cofre apresentado pelo Sr. Tesoureiro.

«Os Dois Marçanos», e a acção beneficente dos Caixeiros de Guimarães

O Grupo Cénico dos Caixeiros de Guimarães, tendo em alta conta o culto da dignidade da pessoa humana, deliberou fazer representar mais uma vez a célebre peça «Os dois Marçanos», no próximo dia 27, a fim de poder corresponder aos constantes apelos que lhe vêm sendo dirigidos, no que diz respeito a matéria de assistência.

Presentemente trata-se de comprar estreptomycin para salvar algumas vidas, que se perderão irremediavelmente sem a aplicação desse miraculoso remédio, e continuar a subsidiar o tratamento de outras que se encontram já internadas.

Como se lhe torna inteiramente impossível apresentar, de momento, um novo programa, a reprise da célebre peça do seu Irmão Padre Gaspar Roriz confirmará os nobilíssimos sentimentos da gente de Guimarães, auxiliando essa santa cruzada de bemfazer.

O espectáculo será dedicado às classes trabalhadoras — pois em favor dos trabalhadores reverterá o seu produto — com entradas a preços populares e ao alcance de todas as bolsas. De esperar é, pois, que esta nova iniciativa dos simpáticos Caixeiros de Guimarães seja coroada do melhor êxito.

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.

IVONE DE CARLO, JEAN PIERRE AUMONT, BRIAN DONLEVY em **A Canção de Scheherazade**

A história maravilhosa do imortal compositor RIMSKY-KORSAKOFF e do romance de amor com a divina SCHEHERAZADE.

Quarta-feira, 12, às 21,30 horas:

Em benefício da Conferência de S. Vicente de Paulo, de Guimarães

VIAGEM PERIGOSA

COM GEORGE RAFF, CALAIR TRAVOR e SIGNE HASSO.

Sexta-feira, 14, às 21,30 horas:

UM NOME maldito que deixava um rasto de morte por onde passava: **DILINGER** UM HOMEM cuja crueldade não tinha limites e que somente vivia para o crime.

COM LAWRENCE TIERNEY, EDMUND LOWE, ANNE JEFFREY, etc.

BREVEMENTE: «DO CEU CAIU UMA ESTRELA»

Caves de Vinho «MONTANHEZ»

(VINÍCOLA DE BASTO)

Apresenta os seus vinhos «Branco e Tinto» em garrafas e botijas de excelente apresentação:

VINHOS BRANCOS:

MONTANHEZ
QUINTA DA TORRE
AZAL
PRECIOSO
CEU AZUL
VILALVA

VINHOS TINTOS:

MONTANHEZ
QUINTA DA TORRE

ESPUMANTES:

CHUVA DE PRATA
OURO DE BASTO

de excelente paladar.

Em garrafas de 5 litros (Vinho Verde):

TINTO, QUINTA DA TORRE	12\$50
" MONTANHEZ	15\$00
BRANCO "	17\$50

AGUARDENTE VELHA:

MONTANHEZ
QUINTA DA TORRE

Dar preferência a estas marcas de vinho, já bem conhecidas, é possuir bom gosto e ter a certeza de ficar bem servido.

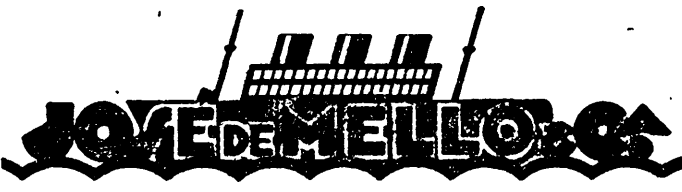
Representante no Concelho de Guimarães:

Rodrigo Fernandes Abreu
Largo da República do Brasil, 12.

821

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



Casa fundada em 1898

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintal

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C. — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Lêde e assinal o «Noticias de Guimarães»